

Desvio de material arrasou os hospitais

CLAUDIO TOURINHO

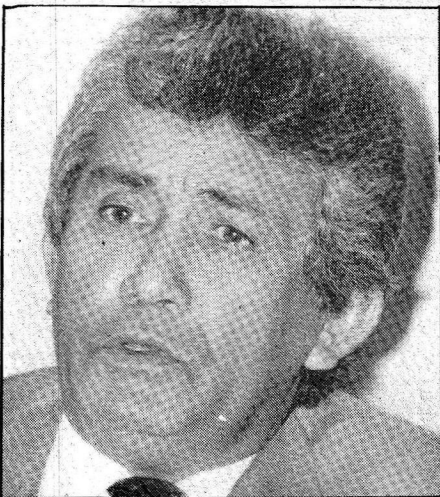
A doença contagiou todo o sistema de saúde do DF, que se viu ainda mais debilitado. O "vírus" do aproveitamento ilícito, do desvio de materiais e medicamentos atingiu a todos sem discriminação. Médicos, enfermeiros, funcionários, visitantes e até mesmo pacientes, todos tentam tirar vantagem da fragilidade e conivência dos mecanismos de controle desses produtos de uso hospitalar. O resultado é um imenso rombo, formado ao longo dos anos, imensurável e difícil de ser apurado, e que — apesar de ser do conhecimento de todos os funcionários — somente agora veio à tona.

"Sempre ouvi falar disso na Fundação Hospitalar", afirma o secretário de Saúde, Milton Menezes, há sete anos na instituição. "Sempre se falou que o consumo nos hospitais é maior do que o atendimento, mas ninguém teve peito de investigar isto a fundo", completa a chefe de gabinete, Maria Célia Delduque.

Enfrentando ameaças de morte por telefone, os auditores e a cúpula da secretaria continuam a averiguar as responsabilidades pelo elevado número de objetos desviados dos estoques dos hospitais. A auditoria da FHDF investiga hoje cerca de 200 processos de furto de materiais. "De pouco em pouco se provoca o rombo", afirma Guilherme Jorge da Silva, chefe da Auditoria da Fundação Hospitalar, que promete tornar rotineiras as inspeções nos hospitais e centros de saúde.

INDICIADOS

Apesar de ser do conhecimento de todos



Delegado Adonel indiciou quatro

o furto de material e medicamento da FHDF ainda não representou punições — nem mesmo administrativas — em grande escala. Até agora, "devido à dificuldade em se demitir um funcionário público", segundo o secretário, apenas quatro pessoas foram penalizadas com a demissão. "Quando se trata de cargos de chefia que estão sob suspeita, eu não arrisco", explica Milton Menezes.

Contra estes quatro funcionários demitidos, disse o secretário, não havia provas de furto de material. "Ficou constatado apenas que nos locais onde eles trabalhavam havia grandes desvios. Eles eram os responsáveis pelo setor e deveriam ter fiscalizado corretamente. Como não o fizeram, estão na rua".

Até a polícia não se sente satisfeita com o pequeno número de suspeitos. Na última semana, o delegado Antônio Adonel Araújo, titular da 14ª DP (Gama), indiciou quatro pessoas por furto e receptação de seringas do Hospital Regional do Gama. Nenhuma delas era funcionária da Fundação Hospitalar. "Nós vamos a fundo no problema e vamos chegar a outras pessoas", garante o delegado.

Esta semana ainda a Corregedoria de Polícia Civil recebeu um ofício do Departamento de Fiscalização de Saúde com os nomes e endereços de 13 farmácias de Brasília que possuíam em seus estoques as seringas argentinas Prexajet. Ninguém no País, além da Fundação Hospitalar, importou este tipo de seringa, o que comprova que estas farmácias adquiriram o produto dos que furtaram nos hospitais.

AUDITORIA

A decisão de realizar uma auditoria profunda no sistema de saúde do DF partiu do próprio secretário, há pouco mais de um mês. "Fui pessoalmente a alguns hospitais e verifiquei que o consumo de material era três vezes maior que o necessário, principalmente nos finais de semana e no setor de Emergência. No final de semana o controle é reduzido e na Emergência, devido à intensa movimentação, o controle é mais difícil de ser feito".

Menezes verificou ainda que todo o estoque de seringas adquiridas em março (2 milhões), que deveria durar até o final do ano, foi consumido em dois meses, sendo necessária nova reposição do produto. Ao informatizar o sistema de controle de material, a secretaria descobriu que apenas 500 mil seringas teriam sido utilizadas neste período, ou seja, 1 milhão 500 mil tinham desaparecido.